**MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE LEITURAS: SAGA DE LEITORES BALEANOS**

Maria Gorete Paulo Torres

Doutorando do PPGL/CAMEAM/UERN

[goretetorres@hotmail.com](mailto:goretetorres@hotmail.com)

Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Professora Doutora do DE/CAMEAM/UERN

[malupsampaio@hotmail.com](mailto:malupsampaio@hotmail.com)

**Resumo:** O trabalho que ora apresentamos resulta de uma pesquisa em que se identifica quais as memórias e experiências de um leitor antes e depois de participar das ações do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura na Escola – BALE-FRUP, procurando considerar o processo de formação de leitoras na sua vida, bem como verificar como esse ocorria/ocorre antes e depois desse sujeito participar das ações do referido programa. Para tanto, nos ancoramos nos estudos de Antunes (2009), Colomer (2003), Kleiman (2012), Martins (2006), Sampaio (2005), dentre outros, os quais realizam discussões acerca da formação de leitores, da leitura por prazer e da interação entre texto e leitor. Ainda nos utilizamos dos pressupostos de Halbwachs (2006) para refletirmos sobre memórias, e de Miguel Reale (1977) e Foucault (1994) para discorremos sobre experiências. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, além de se configurar como uma pesquisa descritiva e interpretativa. Caracteriza-se como uma pesquisa documental, pelo fato de se trabalhar com material escrito de primeira mão. Para a realização dessa pesquisa utilizou-se a indução como procedimento de análise, e, o *corpus* se constitui de dois memoriais de leitura, o primeiro de um adolescente, e o segundo de um jovem, os quais participaram/participam como voluntários do Programa BALE-FRUP. Os resultados aponta que os dois baleanos não se constituíram como leitores antes de entrarem no programa BALE-FRUP, mas depois de participarem das atividades desenvolvidas pelo programa dizem realizar leituras por prazer e continuamente se considerando assim, leitores.

***Palavras-chave: Memória. Experiência. Leitura. BALE-FRUP.***

**INTRODUÇÃO**

Formar leitores tem sido um desafio para os que atuam na educação brasileira. Muitos depoimentos de educadores e pesquisadores chegam a nos revelar que grande parte dos sujeitos de nossa sociedade ainda não se constituiu leitores, mesmo frequentando a escola e/ou outras instituições que deveriam instigar a leitura. Pensando nessas questões resolvemos pesquisar acerca da temática em pauta e neste trabalho procuramos identificar quais as memórias e experiências de leitores antes e depois de participar das ações do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura na Escola – BALE-FRUP, procurando considerar o processo de formação leitora em suas vidas, bem como verificar como ocorriam/ocorrem essas leituras antes e depois desses sujeitos participarem das ações do referido programa.

Nosso *corpus* se constitui de memoriais de leituras, o primeiro de um adolescente, e o segundo de um jovem, os quais participaram/participam como voluntários do Programa BALE-FRUP. Caracterizamos esta pesquisa como qualitativa, descritiva e interpretativa e documental. Adotamos o método indutivo de análise dos dados e nos ancoramos em estudos de diversos autores, dos quais podemos citar: Antunes (2009), Colomer (2003), Kleiman (2012), Martins (2006), Sampaio (2012), dentre outros, os quais realizam discussões acerca da formação de leitores, da leitura por prazer e da interação entre texto e leitor. Halbwachs (2006) para refletirmos sobre memórias, e Miguel Reale (1977) e Foucault (1994) para discorremos sobre experiências.

**2 FORMAÇÃO LEITORA, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA**

**2.1 A formação leitora do sujeito**

Ao pensar a formação leitora de todo e qualquer sujeito nos reportamos de imediato ao contexto escolar, pois desde os tempos remotos somos levados a atribuirmos o papel de tal formação a escola. Os próprios documentos oficiais nos levam a compreender que formar leitores proficientes é papel da educação e consequentemente dos educadores, embora outras instituições colaborem de forma indireta com essa formação. Segundo Antunes (2009) mesmo a escola sabendo de seu importante papel na formação de leitores, ainda não consegue realizar essa atividade de forma instigante e que fique guardado na memória como uma experiência a ser vivencia diariamente. De acordo com Kleiman (2012), isso pode ocorrer de forma contraria ao desejado, ao ideal e assim, as lembranças podem ser desagradável, já que segundo a autora, muitas práticas de leituras ocorridas na escola são desmotivadoras e estão quase sempre ligadas a concepções equivocadas sobre o texto e até mesmo sobre a linguagem.

De acordo com Martins (2006), oportunizar os estudantes o contato desde cedo com a leitura prazerosa é contribuir fortemente com sua formação intelectual, e ao mesmo tempo, oferecê-los prazer, e fazê-los querer reviver a experiência guardada na memória. Compreendemos assim, que a leitura que “conquista” o sujeito, que é guardada na memória, e trazida à tona quando necessário, é a divertida. Essa leitura proporciona prazer, possibilitando conhecimento, aprendizado, abrindo novos horizontes, renovando sonhos, indicando caminhos a serem seguidos. Para que isso ocorra, se faz necessárias estratégias de leituras inovadoras, nas quais o leitor possa se sentir inserido no processo de leitura, construindo e reconstruindo sentidos para o que ler. A escola não pode mais fazer com que seus alunos leiam somente por ler, já que a mesma deve ser a ponte para verticalizamos da visão de mundo cultural e histórico-social, dada a sua capacidade política e reveladora das condições e dos conflitos da realidade (COLOMER, 2003).

A leitura de literatura pode ser um dos caminhos para que a escola consiga realizar esse trabalho, já que a literatura foi e sempre será uma porta aberta para o conhecimento, encantamento, divertimento e prazer. A escola deve valorizar o trabalho com a leitura literária, mas o professor precisa ter cuidado para não transformar a mesma em situações voltadas única e exclusivamente para avaliação e correção, ou até para o biografismo e o estudo das escolas literárias.

Destarte, formar leitores, apesar de considerarmos ser uma atribuição da escola, ainda tem sido uma atividade que as instituições de ensino precisam repensar e compreender o quanto se faz necessário que o professor abra espaço para leitura, seja de textos literários, ou não, mas que seja uma leitura que favoreça aos estudantes se inserirem em um mundo de conhecimentos, lendo e compreendendo sobre aspectos sociais, políticos econômicos e culturais.

**2.2 O conceito de experiência**

Por nossa pesquisa fazer menção a experiências, mais especificamente a experiências de leituras, sentimos a necessidade de realizarmos uma breve discussão sobre o sentido desse termo. Para alguns, experiência é um conhecimento bastante avançado de determinado assunto, para outros a palavra experiência pode ser atribuída ao conhecimento que adquirimos através de longas observações e vivências com determinadas situações ou “objetos” os quais nos deparamos no decorrer de nossas vidas.

Ao observarmos os pressupostos foulcaultianos compreendemos que o conceito de experiência estar estreitamente ligado a intersubjetividade e, ao mesmo tempo, com o conhecimento, principalmente na construção de sentido realizada pelo sujeito, nas mais diversas situações. Para Foucault (1994), ter experiência é saber olhar de maneira reflexiva para os aspectos já vividos e trazê-los para o cotidiano, apreendendo-lhes significações reais, construindo sentido na atualidade com o conhecimento já adquirido anteriormente.

Miguel Reale (1977) desenvolve o conceito de experiência como pré-categorias relacionadas a esse termo. O estudioso defende a existência de diversas formas de experiências, e verifica que a mesma pode ser considerada como o caminho para qualquer conhecimento e, ainda, afirma existir múltiplas definições, embora, as mesmas não possam ser excludentes, pois são formadoras de matéria prima que reflete e até refrata a realidade factual, o que valida à intersubjetiva já mencionada anteriormente. Ao se referir a experiência relacionada à linguagem e seus diversos graus e distintos campos culturais, o autor afirma que isso contribui para sua riqueza e que a torna capaz de projetar valores e símbolos no âmbito científico construindo dessa forma alguns fatores ligados a interdisciplinaridade.

Portanto, ancoradas nesses pressupostos, e como já defendemos em pesquisas anteriores (TORRES, 2015), compreendemos que a experiência encontra-se ligada à subjetividade, e sendo uma forma de conhecimento direto, verdadeiro, dos mais variados aspectos, chega a se confirmar por si mesma, estando ligada às sensações e às percepções individuais e coletivas dos sujeitos, que têm um modo de ser próprio, único e inconfundível.

**2.3 E o que é memória?**

Frente ao contexto deste artigo, não podíamos, mesmo que de forma breve, deixar de refletir sobre memória, ou mesmo memórias. E para falar sobre esta temática recorremos a Halbwachs (2006), o qual definiu a memória como coletiva, por compreender que todo indivíduo pertence a um determinado grupo e, estando inserido, nele adquire suas referências. Ou seja, para o autor a memória é construída dentro de um grupo, embora seja também, um trabalho individual de cada sujeito.

Analisando os estudos do autor parece-nos que uma memória a qual seja estritamente individual se constitui em algo impossível. Vejamos: se estabelecemos constantemente relações com o outro, (e isso é fato), e depois dessas relações construímos, restauramos nossas lembranças a partir desse contato próximo e coletivo, notoriamente estamos envolvendo o outro em nossa memória, e, portanto, fazendo com que a memória individual seja entendida através de diferentes influências sociais, coletivas, nas quais não estamos sozinhos, temos como companhia o outro (HALBWACHS, 2006).

Assim, mesmo que consideremos a existência de uma memória individual, não podemos negar que a mesma é construída a partir de uma memória coletiva, já que lembranças são constituídas no interior de um grupo. Memória é então, “o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para comunidade” (HALBWACHS, 2006, p. 70). Vale salienta que segundo Pêcheux (2004, p. 33) “uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório.” Na verdade para o autor "é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização... um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.” Dessa forma, não podemos negar que “E o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, a meu ver, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior.”

Acreditamos então, que a lembrança de um acontecimento reencontra sua veracidade no grupo ao qual o sujeito pertence ou mesmo pertencia, sendo reconstruído através das lembranças individuais, mas ao mesmo tempo e, talvez de forma crucial, de acordo com elementos, aspectos que podem ser considerados comuns aos mais diversos membros daquele grupo. Halbwachs (2006) nos chama atenção para o fato de que encontrar a veracidade da memória não é algo simples, não é uma tarefa similar a montagem de um quebra-cabeça que vamos montando peça por peça. A reconstrução de uma lembrança é muito mais que isso, e ela ocorrerá “a partir de dados, e de noções comuns que se encontram tanto em nosso espírito quanto no dos outros, porque eles passam sem cessar destes aqueles e reciprocamente, o que só é possível se eles fazem e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 13). Com isso, uma lembrança pode ser reconhecida, reconstruída e oferecer a veracidade da memória.

Entendemos assim, que nossas recordações são coletivas, pois as mesmas envolvem o outrem, do qual sempre levamos um pouco, ou até muito, dependendo da situação vivenciada, mesmo cada um de nós sendo pessoas únicas e distintas, por isso, inconfundíveis. Também não podemos negar a existência de uma comunidade afetiva indispensavelmente construída através das recordações que se constrói socialmente e dependem de outros que fazem parte de nossa existência. De acordo com o autor, além de tudo isso, ou seja, dos outros que nos “envolvem”, temos, em uma reconstituição de lembranças a presença de alguns pontos de referências externas que são fixadas pela sociedade e, que também influenciam a (re)constituição das lembranças, tornando a memória coletiva.

**3 MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS**

3.1 O BALE E O BALE-FRUP

O Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE vem atuando na região do médio-oeste potiguar com atividades que objetivam o incentivo a leitura e formação de leitores, a fim de despertar o prazer pela leitura de forma lúdica, e poder contribuir para a democratização do acesso aos livros àqueles marginalizados pela sociedade, em que bens preciosos como educação, cultura, esporte, lazer, lhes são faltosos. Assim, com o intuito de democratizar o contato com o livro literário nesse local escasso de projetos voltados ao incentivo às práticas leitoras o referido programa surgiu em 2007, através professora Doutora Maria Lucia Pessoa Sampaio e a colega Renata Mascarenhas, ambas professoras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Atualmente o Programa BALE apresenta-se como uma iniciativa que engloba um trabalho sistemático com a leitura e literatura nos municípios de Pau dos Ferros e circunvizinhos desde 2007, já que em 2012, se expandiu para Umarizal, em 2013 para Frutuoso Gomes e em 2014 para Patu, surgindo assim o BALE-FRUP que é coordenado e supervisionado pela Professora Doutoranda Maria Gorete Paulo Torres.

Ainda na 6ª edição o BALE-FRUP abriu portas para que os alunos do Núcleo Avançado de Ensino Superior de Umarizal (NAESU), do C*ampus* Avançado Maria Eliza Albuquerque Maia (CAMEAM/UERN), pudessem ingressar em atividades de pesquisa e extensão voltadas para a área da leitura. Nessa época, a equipe do BALE em Umarizal era formada por uma coordenadora, um bolsista e também dezoito voluntários do meio acadêmico e da comunidade. O programa atendia principalmente a Escola Municipal Tancredo Neves, onde funciona o Núcleo Avançado de Ensino Superior (NAESU), mas também recebia outros convites da comunidade Umarizalense. No ano de 2013 e início de 2014, o programa encontrava-se em sua 7ª edição com a iniciativa “Ponto BALE – CTI (Ciência, Tecnologia e Inovação): entre canteiros da leitura e produção” através do Programa de Integração da Ciência, Tecnologia e Inovação com a Educação Básica - Pontos de CTI-EB, com a parceria do CNPQ/CAPES. Com isso, o programa passa a atuar na Escola Estadual Ivonete Carlos em Frutuoso Gomes-RN. A equipe contava com uma coordenadora, cinco bolsistas do ensino superior, oito bolsistas do ensino médio da referida escola, e dez voluntários, tanto do ensino médio como do superior e também da comunidade frutuosogomense e vizinhas. O objetivo era fazer com que os alunos do ensino médio pudessem desenvolver a escrita e a oralidade através da literatura, cinema, teatro, leitura e produção textual.

Atualmente o BALE-FRUP tem uma equipe 14 pessoas e atua na cidade de Frutuoso Gomes-RN, sendo 02 bolsistas do Ensino Médio e os demais voluntários. Conta com a parceria da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do referido município. Vale destacar que o referido Programa tem realizado um trabalho que engloba literatura, teatro, contação de histórias, poesias e muitas outras atividades de incentivo a leitura.

**3.2 Quem são esses baleanos?**

Como já ressaltamos anteriormente esta pesquisa tem como *corpus* dois memoriais de voluntários do BALE-FRUP. O primeiro baleano eleito (chamado por essas pesquisadoras de Pequeno Príncipe) é um adolescente de 13 anos de idade, estudante do Ensino Fundamental de escola pública. O Pequeno Príncipe é voluntário do BALE desde da 6ª edição, na época ainda criança, “acompanhava todas as atividades e se deleitava com as leituras, contações de histórias e recontações”. (O PEQUENO PRINCÍPE, 2018). Trata-se de um adolescente de família estruturada. O pai é Professor, a mãe Assistente Social e a irmã mais velha Engenheira Civil. No memorial do adolescente ele deixa claro que os mesmos acompanham sua vida estudantil e todos se empenham em seus estudos e compreendem a importância da leitura.

O segundo baleano (chamado por essas pesquisadoras de Visconde de Sabugosa) é um jovem de 22 anos de idade, estudante do Curso Técnico de Enfermagem e cursinho preparatório para o ENEM. Já concluiu o Ensino Médio e tem como meta cursar medicina. Já conseguiu algumas bolsas para cursar uma faculdade, mas prefere se preparar para cursar medicina. Filho de pais separados, foi criado pela mãe, a mesma com Ensino Fundamental incompleto, dona de casa e “casada com um senhor bem mais velho que ela, vivendo apenas do salário do referido senhor que é aposentado” (VISCONDE DE SABUGOSA, 2018).

Trata-se, na atualidade, de um jovem que trabalha de dia e estuda a noite, com o intuito de “subir na vida”. Sua família nunca compreendeu de fato a verdadeira importância da escola e consequentemente da leitura. Sobre isso o baleano diz:

Mandavam-me para escola porque sabiam que era a obrigação da família e também porque queriam que eu aprendesse a ler, mas na verdade, com o passar do tempo passei a entender que não acreditavam em minha capacidade. Não me acompanhavam nos deveres de casa e não me incentivam a leitura, só diziam que eu precisava ler (VISCONDE DE SABUGOSA, 2018).

Fica claro que essa família pouco acompanhava a vida estudantil do jovem e quase não contribui com sua formação leitora, mandando-o para escola como uma forma simples de cumpre o papel que é reservado para a família: Fazer com que a criança, adolescente, jovem frequente a escola, mesmo que isso não implique no ato de aprender, de desenvolvimento, de crescimento.

**3.2 A leitura antes do BALE-FRUP**

**3.2.1 O Pequeno Príncipe**

Nossa análise tem como objetivo principal identificar quais as memórias e experiências de leitores antes e depois de participar das ações do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas-BALE-FRUP, procuramos considerar o processo de formação leitora na vida desses baleanos, verificando como esses processos ocorriam/ocorrem antes e depois desses sujeitos participarem das ações do referido programa.

No memorial do Pequeno Príncipe, logo no início, verificamos que antes de participar das ações de leitura do BALE-FRUP ele não gostava de ler, embora sua família “cobrasse” a leitura diariamente. O baleano diz que ao invés de leitura “preferia ficar jogando bola, pulando, tocando, assistindo desenhos”. Parece que a leitura na vida desse sujeito ocupava um lugar esquecido, pois o mesmo confessa que antes do BALE “não queria saber de livro” e mesmo tendo uma família que cobrava a leitura do Pequeno Príncipe percebemos que as iniciativas dos membros daquela família não surtiam grandes efeitos. Isso pode ser explicado pelo fato da leitura ser tratada como algo que apenas tem que ser cobrada e não necessariamente instigada, parece que para eles a leitura é uma obrigação, um hábito, que deve fazer parte da vida de uma criança como as outras atividades (banhos, escovação dentária, alimentação, tarefa extraclasse, etc), pois como nos afirma Villard (1999), hábitos implica em atividades mecânicas que não contribuirá muito na formação do sujeito.

O baleano relata o fato de sua mãe sempre dizer: “pegue um livro na biblioteca da escola e vá ler”, e acrescenta, “e eu como sempre preferia outras coisas sempre me esquecia e ela continuava cobrando”. Quanto ao pai, o Pequeno príncipe relembra o seguinte acontecimento: “um dia meu pai pegou um livro na biblioteca e trouxe para eu ler, mas era muito grande, não tinha figura.” Vemos que de forma bastante mecânica o baleano confessa que leu o livro, mas não achou interessante e diz: “eu li obrigado e até hoje não sei o que dizia o livro”. Isso se sucedeu algumas vezes. Vejamos a narração. “Ia a biblioteca, pegava livros levava para casa, às vezes chegava a ler por completo, principalmente se fosse quadrinhos, porque tinha desenhos, as vezes não conseguia terminar, mas dizia que tinha terminado. Agindo dessa forma consegui agradar meus pais que achavam que lia constantemente.”

Notamos assim, uma leitura mecânica, decodificada e que pouco contribuía para a formação desse baleano, apesar dos pais tentarem incentivar ações leitoras. Parece-nos que essas ações por parte da família não foram suficientes por não serem ações que instigassem a leitura. A leitura parecer ser uma forma de cobrança que os pais utilizavam para que o aluno “fosse bem” na escola. Um fato que também nos chama atenção é que, embora o pai seja professor, em nenhum momento o Pequeno Príncipe relata ter vivenciado momentos de leitura com o pai, ou mesmo ter visto o pai lendo, nem mesmo a mãe. Segundo o baleano a “mãe viajava muito e trazia de presentes livros infantis”, mas para ele o fato de ter livros a sua disposição não foi o suficiente para se constituir leitor. O mesmo afirma “continuei preferindo a televisão”.

Quanto ao incentivo de leitura por parte da escola, o Pequeno Príncipe não relata em seu memorial, só faz menção à escola de modo indireto, deixando implícita a existência de uma biblioteca, a qual visitava para pegar os livros que os pais “obrigava”. Dessa forma, sentimo-nos a vontade em dizer que parece que a escola não desempenhou de maneira satisfatória uma de suas principais funções que é a de instigar a leitura, pelo menos de maneira significativa, já que o baleano, não resgata de sua memória fatos marcantes em relação à leitura vivenciados na escola. Quando se refere às experiências de leituras, cita apenas seus familiares, deixando escola e professores de fora.

**3.2.2 O Visconde de Sabugosa**

Visconde de Sabugosa, o outro baleano colaborador de nossa pesquisa, deixa claro, em seu memorial, que não tem lembrança de sua família instigar a leitura, a não ser dizerem que ele precisava ler. O mesmo relata que em sua memória não tem registrados esses momentos, se é que os mesmos aconteceram, na verdade lembra sua mãe dizer: “Você precisa estudar para ser gente, então comece lendo”. Assim, a leitura fez parte de sua vida antes do BALE-FRUP de maneira muito superficial. Ele afirma: “Fora os conteúdos da escola, não trago na memória atividades de leitura, principalmente ter lido por prazer. Ler um livro inteiro? Não lembro ter realizado tal atividade.”

Notamos que as leituras feitas por Visconde de Sabugosa eram as pedidas/exigidas pela escola. Esse fato fica notório ao dizer: “Lia na escola para aprender a ler, mas quando chegava em casa não lembrava o que tinha lido. Tentava ler para fazer as atividades de casa, mas também não sabia direito o que estava lendo”. Mais uma vez temos uma atividade leitora de pura decodificação, sem prazer, somente com o intuito de realizar atividades diversas, simplesmente com o intuito de usar o texto como pretexto.

O baleano nos esclarece em seu memorial que sua família não acreditava em sua capacidade, chegando a expressar:

Parece que eles achavam que eu era uma criança que não ia vencer as dificuldades. Custei a aprender a ler e por esse fato, minha avó, minha mãe, diziam: esse menino não tem jeito. Assim, nessa peleja chego ao Ensino Médio (não sei como), confesso que nessa trajetória de leituras sem significados, vou de recuperação em recuperação, de reprovação a reprovação. Seguido e subindo de anos escolares chego ao Ensino Médio, com toda a desmotivação possível (VISCONDE DE SABUGOSA, 2018).

Segundo o pesquisado, a escola passou a ser um lugar de “diversão, de passeio, de amizades, mas de pouca aprendizagem” e o mesmo ia à escola para “encontrar os amigos”. Já no Ensino Médio chegava a visitar a biblioteca, “não para ler, mas para gazear aulas e lá ficar com os colegas conversando”. É visível, em todo o memorial do Visconde de Sabugosa, uma desmotivação constante, não somente em relação à leitura, mas a escola e suas atividades que muitas vezes são impostas aos alunos e tidas por eles sem sentidos e necessidades. Verificamos ainda, que a escola e a família cobravam a leitura, mas não instigava o ato de ler. O sujeito pesquisado, antes de participar do Programa BALE-FRUP, aparentemente não soube o que é o prazer da leitura, do mundo da imaginação, das aventuras, dos desejos, dos sonhos, da fantasia. A leitura até que podia estar presente, mas de forma, talvez, não desejada.

**3.3 O BALE-FRUP e o mundo mágico da leitura**

**3.3.1 O Pequeno Príncipe e a melhor leitura**

Ao analisarmos o memorial do Pequeno Príncipe, logo no início do registro de suas memórias sobre o BALE-FRUP, o baleano relata um fato que nos chama atenção e decidimos registrar de maneira completa aqui, vejamos:

Nessa trajetória com a leitura sem gostar, minha tia me convida para participar do Programa BALE-FRUP, eu logo pensei: Mais leitura, não vou! Minha irmã já participava. Minha tia começou e me contar como eram as atividades. Comecei a ficar prestando atenção a minha irmã a decorar poesias para recitar nas atuações do programa. Era encantador. Ela recitava, gesticulava... pensei: preciso sentir esse sabor. E assim, passei a pesquisar poesia e a tentar decorar. Assim, conheci a melhor leitura: a poesia (O PEQUENO PRINCÍPE, 2018).

A primeira experiência de leitura com prazer do Pequeno Príncipe ocorreu através do incentivo da tia e do exemplo da irmã. O mesmo, ao resgatar da memória como iniciou sua participação no referido Programa, relata a maneira como a tia falava das ações, instigando sua participação e o fato decisório foi presenciar o prazer do outrem (no caso da irmã) pela leitura. Isso o fez querer saber o que tão maravilhoso tem nessas atividades. E foi assim que encontrou “a melhor leitura”. Embora, os pais tenham tentado o fazer leitor, só a cobrança e até certo apoio dos pais não foi suficiente, foi necessário à instigação, o exemplo, o próprio deleite.

O baleano diz que “nas primeiras experiências tive vergonha, mesmo tendo ensaiado bastante, mas o prazer que senti superou o outro sentimento”. Segundo o pesquisado, depois das primeiras experiências “todos os dias pesquisava novas poesias, pois queria estar sempre com uma decorada para apresentar quando necessário”. Instigado pelo desejo de estar preparado para instigar a leitura no outrem (um dos propósitos do BALE-FRUP) o Pequeno Príncipe passa a ser um leitor assíduo, lendo todo dia várias poesias. Foi nesse trajeto que o mesmo encontrou o poeta Bráulio Bessa que o ajudou com suas poesias. A partir de então não sentia mais vergonha em recitar poemas, ao contrario, o mesmo afirma que

Queria dividir com os outros o que lia. Foram várias apresentações poéticas, até que um dia minha tia diz que preciso mudar de gênero e disse que eu pesquisasse uma história para contar a um grupo de crianças. Fiquei com medo e disse que não ia conseguir, mas ela disse: leia a historia e depois veja o vídeo.

Mais uma vez notamos que o processo de leitura por prazer fluir de maneira melhor através do incentivo, da voz do outro. Parece que temos necessidade que o outro nos encaminhe para momentos de prazer. Isso reforça a nossa compreensão de que a leitura realizada pelo simples ato de ler não faz grande diferença na vida dos sujeitos. Precisamos saber por que lemos, para que lemos, claro que sem ser algo forçado, mas como já afirmamos, incentivado, mediado, acordado.

No decorrer de sua narrativa, O Pequeno Príncipe foi nos mostrando a importância da atividade leitora ser mediada e instigada a todo momento, podemos reafirmar quando ele narra

O gosto de ler, ler por prazer foi surgindo aos poucos na minha vida de baleano, em cada atividade realizada no BALE-FRUP, em cada história contada e muitas vezes encenada. Passei a pesquisar histórias e a decorar também, porque sabia que a cada momento os convites chega e temos que estar preparado para recitar e satisfazer os meninos, os velhos e a minha tia. Isso tudo porque nas reuniões sempre refletia o bom da leitura, da contação, da poesia.

Percebemos nas palavras do baleano que aos poucos o encantamento foi ficando mais forte, mas que o mesmo ainda precisava da mediação leitora, do olhar do outro, e, principalmente, do incentivo para continuar lendo por prazer. O gosto pela leitura, parece ter que ser alimentado para este adolescente.

Outro fator que nos chama atenção é o fato de que segundo O Pequeno Príncipe, o referido programa não o “ajudou” só no processo de constituição leitora, mas na vida, na visão do mundo. Percebemos isso, quando ele cita uma ação chamada “Natal BALE-FRUP”, segundo ele uma campanha para arrecadar brinquedos e livros para serem distribuídos as crianças no período natalino. O pesquisado diz o seguinte:

No Natal BALE-FRUP, tive que arrumar meus brinquedos e doar aqueles que não queria mais. Isso me ensinou que posso ajudar muito mais as pessoas, que não tem muito. Separei alguns brinquedos e na reunião seguinte escutei que ainda era pouco, pois podia junto com os outros sair pedindo doação. Eu fui. Levei não e levei sim. Mas o que importou mesmo foi ter ajudado. Fizemos um dia lindo, todas as crianças saíram com brinquedos ou livros. Foi muito bom ajudar, ajudo todo ano.

Nas palavras acima verificamos que o programa para esse adolescente ensina muito mais do que a importância da leitura, incentiva a solidariedade, a convivência em sociedade, a prática da atividade coletiva, dentre outros aspectos. O próprio Pequeno Príncipe reconhece isso quando termina seu memorial dizendo: “O BALE-FRUP, me ajudou a aprender muitas coisas que antes eu não sabia, me ajudou demais, me ajudou em tudo”.

Destarte, podemos compreender a grande diferença que o referido programa fez na vida dessa criança, que apesar de ser de uma família considerada por muitos como estruturada e frequentar a escola de forma sistemática, não havia descoberto ainda o gosto pela leitura, o verdadeiro prazer de ler.

**3.3.2 Visconde de Sabugosa e sua nova vida**

No memorial de Visconde de Sabugosa, ele narra com clareza sua entrada no BALE-FRUP, por ser um pouco extensa fizemos alguns recortes, mas trazemos aqui as partes principais.

Vi o edital do BALE-FRUP no quadro de avisos da escola. Pensei vou me inscrever. Fui falar com a coordenadora. Ela não acreditou, mas disse que eu podia me inscrever. Fui logo barrado pela nota de português e ela disse que eu não iria fazer a entrevista. Mesmo assim aquele desejo ficou no meu coração. Me disseram que podia participar como voluntário. Fui falar novamente com a coordenadora, ela disse: tem certeza? No outro dia me chamou para uma conversa particular. Essa conversa durou muito tempo e ela disse que para participar do programa precisava deixar de ser aquele tipo de aluno. Eu gazeava aula, ficava nos corredores, atrapalhava os professores, perturbava na cozinha, derramava merenda, sem falar que não fazia nenhuma atividade de sala, nem muito menos de casa. Ah, não lembro se alguma vez antes do BALE-FRUP tinha passado por média. Quando ela me disse isso eu pensei. Vou agarrar essa oportunidade. Então disse eu garanto.

Notoriamente, temos um jovem que não poderia ser considerado por muitos como “bom aluno”, motivo pelo qual nos parece ter um pouco de barreira da coordenadora em aceitar sua participação no programa. Embora, sabendo que um aluno como o descrito acima é um dos mais necessitados em apoio, mediação, formação. O programa necessitava de alunos que tivesse condições, capacidade, formação para instigar o gosto pelo ato de ler. O programa de certa forma procurava um perfil diferenciado que pudesse ajudar nas atividades. E parece-nos que esse perfil o Visconde de Sabugosa não tinha.

Entretanto, ao continuar verificando o memorial percebemos que a conversa citada pelo baleano sutil efeito. O mesmo afirma:

A partir daquele dia resolvi mudar, não sabia como. Mas, queria. Comecei me comportando bem nas aulas e realizando todas as atividades que os professores passavam. Iniciamos os encontros do BALE-FRUP e começamos a ler nesses encontros e levarmos leituras para casa. Lia e algumas vezes não sabia o que estava lendo. No próximo encontro quando discutíamos o que tínhamos lido era muito bom tudo clareava.

Percebemos na fala do jovem uma prática de leitura mediada, socializada, na qual a leitura realizada é debatida, analisada e consequentemente se constrói sentidos para aquilo que leu. Parece-nos que os encontros ajudavam muito ao Visconde de Sabugosa que ainda tinha dificuldades na leitura individual e precisava de auxilio para entender o que lia.

O pesquisado passa a aproveitar o tempo livre de casa e na escola. O mesmo resgata de sua memória os momentos “que ao invés de ficar perturbando na cozinha, batendo porta dos banheiros ou mesmo fazendo barulho nos corredores ia para a biblioteca, não para conversar, mas ler. Agora era exemplo, era baleano. E assim, aos poucos ia descobrindo o bom da leitura”.

Percebemos que ao ser mediado, incentivado o Visconde de Sabugosa passa a trilhar novos caminhos. Isso, mais uma vez vem reforçar o que já dizíamos anteriormente, ou seja, que a leitura precisa ser apresentada a criança, aos adolescentes, ao jovem, como uma forma de sentir prazer, ela precisa ter um objetivo, entretanto, este não pode ser superior ao prazer, ao encantamento, a magia que o ato de ler pode proporcionar.

Ao ser instigado a ler o sujeito necessita ser levado pelo caminho da descoberta, de novas sensações, de novos mundos, de novos horizontes. Depois com o processo de leitura em pleno vapor, o mesmo vai percebendo que todos esses sentimentos o conduzem ao aprendizado, ao crescimento intelectual, social, educacional. A voz de Visconde de Sabugosa, afirma isso quando diz: “fui descobrindo as coisas nas leituras que realizava e quando não realizava descobria através da fala da coordenadora e dos outros baleanos que liam e entendiam mais do que eu. E essas coisas que eu aprendia eram diferentes, eram melhores”.

Dando sequencia ao memorial o pesquisado diz: “O tempo foi passando e foi chegando o final do ano letivo, já tinha lido vários livros, apresentados peças nas escolas, recitado poesias, ido a várias reuniões”. Vejamos como o visconde de Sabugosa narra o final do ano letivo:

Para surpresa de muitos da escola pela primeira vez fui aprovado por média, em todas as disciplinas, inclusive em Português, disciplina que achava muito difícil. Nem tinha percebido, mas uma vez em conversa com a coordenadora ela disse que eu hoje era outra pessoa, outro aluno e que todos os professores e funcionários elogiavam minha mudança. Isso sim, me fez sentir gente de verdade. Eu fiquei parado nem soube o que dizer.

É notória a mudança ocorrida na vida desse jovem depois do ingresso no BALE-FRUP. Não podemos negar que a mediação da leitura teve uma força muito grande na vida desse sujeito. Ele mudou seu comportamento, suas vontades, suas atividades, sua vida. Assim, mais uma vez reafirmamos que programas como esse pode contribuir de forma bastante significativa para o desenvolvimento da sociedade, já que é transformando vidas, que se transforma uma nação.

**CONCLUSÃO**

Esta pesquisa nos proporciona algumas reflexões que não poderiam deixar de serem expressas aqui. Primeiro registramos que as experiências de leituras dos baleanos pesquisados antes de ingressarem no BALE-FRUP parece não terem contribuído de forma significativa para a sua formação leitora. Os dois baleanos afirmam que antes de fazerem parte do programa não realizavam leituras por prazer. Em geral as leituras realizadas eram de forma decodificada, não conseguindo assim, os mesmos construírem sentidos para o que liam.

No caso do Pequeno Príncipe, mesmo sendo acompanhado pelos pais não conseguia sentir prazer em tal atividade. Chegando a dizer que lia sem ler, só para agradá-los. E quando lia era de maneira decodificada, só para cumprir a atividade indicada pela escola ou pela família. O que pouco diferencia do jovem Visconde de Sabugosa que confessa que não lia, e se lia não sabia o que lia. Ao entrarem no programa e serem incentivados para uma leitura prazerosa os pesquisados iniciam um processo de formação leitora por prazer. Começam a observarem no outro a magia, o encantamento, o compromisso, o lazer trazido pela leitura e/ou com a leitura. Passam a quererem participar desse processo, na verdade a vivenciarem esse processo e assim vão aos poucos se constituindo leitores proficientes, leitores por prazer, leitores para mostrarem ao outro “o bom da leitura”.

Os baleanos pesquisados descobriram na leitura caminhos que os levam a vários lugares. Caminhos que chegam a mudar vidas, como no caso de Visconde de Sabugosa que muda totalmente seu comportamento na escola em prol de sua participação no programa e descobre na leitura o prazer pelos estudos. O Pequeno Príncipe, que nem mesmo a ajuda da família foi o suficiente, e, através das ações do programa consegue reconhecer a importância da leitura e encontra na poesia “a melhor leitura”, chegando a ler diariamente.

Portanto, podemos afirma que os dois baleanos não haviam se constituídos leitores antes de entrarem no programa BALE-FRUP e depois de participarem das atividades desenvolvidas podem ser considerados leitores. Com tudo isso, mesmo não sendo objetivo de nossa pesquisa, precisamos deixar clara a importância de programas como o BALE-FRUP para a sociedade brasileira, pois o mesmo tem contribuído fortemente para o incentivo da leitura e formação de leitores e, de forma indireta tem atingindo muito mais que isso, tem alcançado vidas, tem transformado realidades.

**5 REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília, 2001.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.

FOUCAULT, M. Entretien avec D. Trombadori.In: Dits et écrits.v. IV. Paris: Gallimard, 1994, p. 41-95.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2000

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 2ª. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.

MARTINS, I. **A literatura no ensino médio**: quais os desafios do professor? In: Bunzen, C. e Mendonça, M. (org). Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. **A Língua inatingível**: o discurso na história da lingüística. Tradução Bethânia Mariani & Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

REALE, M. **Experiência e cultura**. São Paulo: Grijalbo/EDUSP, 1977.

TORRES, M.G.P. SAMPAIO, M. L. P. **Na trilha da leitura literária**: caminhos percorridos, sementes espalhadas. 1Ed. Curitiba, Appris, 2015.